

JUVENTUDE E RELIGIÃO: FORMAS DE SER JOVEM A PARTIR DA PERTENÇA RELIGIOSA

Carlos Eduardo da Silva Moraes Cardozo¹

RESUMO

Dados coletados sobre a Renovação Carismática Católica (RCC) têm revelado a importância dos jovens na criação, na manutenção e no crescimento das chamadas “novas comunidades”. A maior parte dessas comunidades foi criada para e/ou por jovens. Esse fenômeno tem se constituído como extremamente importante na compreensão do catolicismo no mundo contemporâneo. O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a dinâmica de pertencimento dos jovens na comunidade Shalom, a partir da adesão aos projetos de grupo e evangelização da casa de missão do bairro Catete, no Rio de Janeiro. Assim, as práticas religiosas, a subjetividade juvenil e pertença religiosa são conceitos centrais para o entendimento e compreensão dessa juventude. Com esta inserção é possível refletir sobre as dinâmicas da experiência religiosa dos jovens hoje, a partir deste lugar empírico e, para, além disso, refletir e pensar a dinâmica do catolicismo proveniente e vivenciado por eles numa nova comunidade.

Palavras-Chave: Juventude. Religião. Identidade. Pertença. Comunidade Shalom.

1 Mestre – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (PPGCS-UFRRJ). E-mail: cadunew@yahoo.com.br

*YOUTH AND RELIGION:
BE FORMS OF YOUTH MEMBERSHIP FROM RELIGIOUS*

ABSTRACT

Data collected on the Catholic Charismatic Renewal (CCR) has shown the importance of young people in the creation, maintenance and growth of so-called “new communities”. Most of these communities were created for and / or youth. This phenomenon has been established as extremely important to understand of Catholicism in the modern world. This paper aims to reflect on youths’s dynamics belonging in Shalom community, from the adherence to group projects and evangelizing at House’s Mission situated in Catete, Rio de Janeiro. Thereby, religious practices, youth subjectivity and religious belonging are central concepts for understanding and comprehension of this youth. With this approach it is possible to reflect on the dynamics of religious experience of young people nowadays, from this empirical place, and furthermore reflect about the dynamics of Catholicism experienced by them in a new community.

Keywords: Youth, Religion, Identity, Belonging, Shalom Community.

Introdução

Neste artigo analiso a importância da pertença do jovem à Comunidade Católica Shalom e, com efeito, o que representa para os jovens pertencer a um grupo ou atividade nesta comunidade e porque fazer parte dela opera efeitos tão importantes em suas vidas, fazendo com que eles se declarem fortes, confiantes e protegidos para enfrentar seus problemas. Para entender esta relação do jovem fiel com a comunidade, analiso as experiências dos jovens extraídas das entrevistas parte de minha pesquisa de mestrado e de elementos da minha observação de campo, com a finalidade de apreender, pelo menos parcialmente, o seu significado quanto a pertença religiosa desses jovens carismáticos.

Assim, a partir das práticas que emergem no seio da comunidade, das entrevistas, examino o sentido que este material tem entre esses jovens carismáticos, considerando as observações de Max Weber sobre o caráter de ação comunitária da religião, que nos permite compreender o sentido através das vivências, das representações e dos fins subjetivos dos indivíduos (WEBER, 2004, p. 279). Segundo Weber, é preciso integrar a ação ou o pensamento religioso ao círculo das ações cotidianas ligadas a um fim, o que me levou a acompanhar, nos espaços de sociabilidade do Shalom, reuniões de Grupos de Oração dos jovens no Centro de Evangelização do Catete e observar as práticas dos fiéis em eventos e rituais carismáticos – missas de cura, palestras e algumas atividades próprias que o grupo participou, como a preparação para a Jornada Mundial da Juventude, ocorrida na cidade do Rio de Janeiro em julho de 2013.

Para entender a inserção no universo carismático e o sentimento de pertença à comunidade, analiso a trama de sentidos em que se assenta a experiência religiosa dessa juventude, surgida no seio da Igreja Católica com o movimento da Renovação Carismática Católica.

I. Sentido de pertença e senso comunitário dos jovens com a Comunidade Shalom

A partir do século XX que a Igreja Católica enfrenta diversas transformações motivadas, principalmente, pela desregulação no campo religioso. Estas transformações podem encontrar sua raiz em fenômenos como secularização, racionalização e desencantamento do mundo, empreendidos pela ciência (cf. BERGER,

1985), além dos processos tecnológicos informacionais e consumistas, explorados em demasia pelos novos concorrentes dentro do campo religioso, como os neopentecostais. Estes fatores têm afetado a forma da Igreja de pensar a sua eclesio-logia e a vida cotidiana de seus adeptos.

Sendo assim, as Novas Comunidades surgem dentro do catolicismo em um contexto de pluralidade que marca as relações socioreligiosas na modernidade, onde a abrangente racionalização das relações sociais aponta para o próprio homem como medida de si e de suas ações no mundo, o que obriga a religião a perder parte significativa de sua supremacia como mantenedora e sustentadora de uma moral hegemônica, contribuindo, assim, para o enfraquecimento de sistemas estruturais das grandes narrativas religiosas como o catolicismo, por exemplo.

Este fenômeno leva a religião, de uma esfera social e cultural, para uma esfera individualizada (BINGEMER, 2013). Ela passa a ser algo vivenciado a partir do foro íntimo de cada sujeito, criando, assim, diversas formas de se experimentar a fé pautada na experiência individual. As teses sociológicas sobre desinstitucionalização e autoregulação da religião da Hervieu-Léger (2008) corroboram para esta análise.

A presença marcante do pluralismo no seio do catolicismo também é uma questão importante. Conforme nos informa Teixeira (2009, p 18), “o catolicismo no Brasil revela uma rica complexidade. Trata-se de um campo religioso caracterizado por grande diversidade. A pluralidade é um traço constitutivo de sua configuração no Brasil”, complexidade esta que “[...] se expressa nas frestas de uma pretensa homogeneidade; ela brilha na ‘metamorfose das práticas e crenças reelaboradas’ ou reinventadas” (p. 29).

Fazem parte deste pluralismo o catolicismo popular, os diversos movimentos e as diversas pastorais, o catolicismo das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's), o catolicismo da Renovação Carismática e ao que damos destaque, o catolicismo das novas comunidades, entre outros.

As Novas Comunidades fazem parte de uma resposta dada à sociedade contemporânea ocidental que é marcada pela presença por um paradigma cuja centralidade é a subjetividade e o individual, onde prevalecem as mais diversas formas de sociabilidade, em sua maioria, alicerçadas sobre o efêmero, o passageiro,

o emocional fluido, o trânsito e o instável.

Sendo assim, percebemos que as novas comunidades católicas surgem num contexto social marcado pelo individualismo, e que estas se apresentam como uma forma de reação e fuga a um mundo profundamente individualizado e carente da lógica comunitária.

Diante do debate sobre o indivíduo contemporâneo é importante ressaltar que ele é, dentro do pensamento moderno, se configura como um conceito central e centralizador. No entanto, não podemos deixar de explicitar que esta autonomia do qual o indivíduo moderno está inserido é regrada e conduzida pelas normas estabelecidas pelo todo social. Neste sentido, é a partir dele que surge o cidadão moderno, ou seja, a mínima célula do estado democrático. Nesta concepção, notamos a forma como o pensamento individualista se sobrepõe ao da coletividade, enfatizando questões relacionadas ao papel do indivíduo enquanto ser livre, sujeito das leis.

Para nossas discussões sobre essa relação da juventude com a comunidade Shalom irei utilizar a ideia de pertença enquanto parâmetro que dá sentido à lógica cotidiana de existência do indivíduo, além de se ligar ao sentido de identidade sociocultural, ou seja, o sentimento de pertença dá ao indivíduo características que lhe são próprias, ao fazê-lo sentir-se parte de um grupo, de um povo, de um projeto ou ideologia, o que funciona como um mapa a situá-lo, primeiramente no seu entorno próximo, e depois no todo social.

2. O grupo e o indivíduo: experimentações de um espaço comunitário num contexto individualizante

É no contexto de diversas possibilidades que pretendemos discutir a especificidade da Comunidade Shalom, tendo como rumo para a pesquisa, o pressuposto de que a busca por esta comunidade por parte dos jovens não se restringe apenas a um fator soteriológico, ou seja, a uma resposta para a procura por salvação da alma, mas surge também como resposta a questões sociais/existenciais de cada jovem que a procura. O paradigma subjetivista tão acentuado em nossa sociedade tem se deparado com alternativas marcadas por uma proposta de relações face a face, ou seja, uma proposta de relações sociais que apontam para a resignificação das relações comunitárias, conduzindo a formas de convivência nas quais o

sentimento de pertença é uma de suas tônicas.

Nesta perspectiva, encontro no trabalho de Sousa (2013) um congruência com meus dados de pesquisa. Sousa (2013) assinala que esses agrupamentos, referindo-se as novas comunidades, se impuseram enquanto fenômeno tanto social quanto eclesial, alterando o cenário religioso do catolicismo.

Nas comunidades de vida, homens e mulheres, casados e solteiros, leigos e sacerdotes, celibatários assumidos e pessoas que almejam o casamento, têm vida em comum, partilhando os bens materiais, os mesmos ambientes e, às vezes, a mesma residência. Pelo menos nessas proporções, nunca se viu isso na história do catolicismo. No início do cristianismo, as comunidades eram compostas de pessoas de variados estados civis. Entretanto, elas não se constituíam como instituições formais. O que se assiste hoje é a reunião de pessoas de múltiplas condições em formato institucional, caracterizando-se um amplo quadro misto de membros. Este foi um aspecto acentuado durante minhas entrevistas com os jovens.

O que me chama atenção na Shalom é a vontade de estar junto, fazer amigos e ser feliz fazendo as coisas de Deus. Sem separações. É todo mundo junto, padre, irmão, leigo, jovem, fazendo as mesmas coisas. Só na hora da missa que a gente vê diferença. Isso é o que mais me atrai no Shalom. (Karen)

Aqui todos somos como uma família. E o mais bonito é desejo que nos traz aqui: a vontade de evangelizar de maneira diferente, jovem. Quando estou no Shalom sinto que estou num mundo diferente, mais bonito, mais cheio de Deus, onde as pessoas se amam. É isso, o mundo precisa mais de Deus e amor. E isso, vivo aqui com meu grupo na comunidade Shalom. (Isadora)²

As novas comunidades, e dentro desse panorama a comunidade Shalom, traz implícita uma expectativa de mudança social, traduzida numa mudança pessoal, no estado de vida, comportamento e postura, que faz crescer o número de adeptos, multiplicando-as. Segundo Hervieu-Léger (2008), elas representam a inclinação característica da modernidade religiosa, que é criar comunidades fundadas em afinidades sociais, culturais e espirituais. As comunidades carismáticas não

2 Todos os nomes dos jovens pesquisados e citados neste artigo terão nomes fictícios.

se inscrevem em um vazio, mas num contexto formado por um tecido humano, social, político, histórico, geográfico e institucional que favoreceu seu aparecimento.

Muitos leem os fenômenos comunitários como movimentos contestadores; outros como alienantes do mundo; alguns ainda se constituem como fenômenos religiosos de linha considerada fundamentalista, com pretensão de retorno a um cristianismo primitivo, fazendo-se presente em uma época na qual se previa o desaparecimento da religião. Entretanto, como sugere Hervieu-Léger (2008, p. 45), são as próprias transformações da modernidade que sustentam um lugar de importância para a religião, pois suscitam crises, criando um universo de incertezas, cujo efeito é de um vazio social e cultural produzido pela mudança e vivido como ameaça pelos indivíduos e pelos grupos.

Assim, os sistemas religiosos tradicionais vão se reordenando sob novas formas, perpetuando-se e permanecendo com um grande poder de atração sobre os indivíduos e a sociedade, como acontece com a RCC. Na comunidade Shalom, os jovens encontram, na vivência comunitária e na prática religiosa, explicações e sentido para a vida, quando não os encontram no ‘mundo’, segundo o discurso nativo.

Por isso, cabe um aprofundamento do tema da comunidade. O desmantelamento do sistema comunitário tradicional trouxe variadas consequências para a vida social. Segundo Bauman (2003), a maior delas é a insegurança crescentemente experimentada pelos indivíduos em virtude da ausência de vínculos de pertença. A individualização moderna significou, no fundo, uma troca da segurança pela liberdade. E a chance de desfrutar da liberdade sem pagar o alto preço da insegurança é um privilégio de poucos.

Nessas circunstâncias, o aceno ao aspecto comunitário volta a aparecer como a opção mais evidente, razão pela qual estaríamos vendo hoje, através, por exemplo, dos diversos neo-tribalismos contemporâneos (religiosos, esportivos, musicais, tecnológicos, etc.), um ressurgimento da vontade de “estar junto”, nos quais o compartilhamento de emoções em comum e a identificação com um grupo estariam, em certa medida, substituindo o individualismo moderno (MAFFE-SOLI, 1987).

Para Bauman (2003), onde o Estado fracassou, postula-se que a comunidade

triunfe. Busca-se um controle sobre as condições sob as quais os desafios da vida são enfrentados, controle que só pode ser obtido coletivamente. Concretamente, quando ocorrem para experiências comunitárias, alguns jovens estariam procurando criar uma garantia de vida para além da dinâmica capitalista, dado à fluidez e a volatilidade do sistema. Não podemos assegurar que este seria o primeiro motivo que os congrega na Comunidade Shalom, mas o ato de pertencer a esta comunidade vai aos poucos conotando este sentido de resistência ao consumo e as relações por eles consideradas fluidas e superficiais. Isso pode ser encontrado, tanto nos discursos oficiais como nas práticas dos jovens frente ao consumo.

Hoje em dia a comunidade é procurada como abrigo contra as sucessivas correntezas de turbulência global (...). Sentimos falta de comunidade porque sentimos falta de segurança, qualidade fundamental para uma vida feliz, mas que o mundo que habitamos é cada vez menos capaz de oferecer e mais relutante em prometer (BAUMAN, 2003, p. 128-129).

Consonante com esse autor, a busca por comunidade na sociedade atual seria a atitude própria daqueles que estão “fora” dos benefícios que ela oferece, uma vez que os indivíduos cheios de tecnologia não precisariam procurar uma garantia comunitária para sua segurança. Estes constituiriam uma nova “elite global” extraterritorial e cosmopolita que teria pouco para ganhar e muito para perder numa comunidade, dado que a pertença e a obrigação fraterna colocariam em xeque a ambicionada distinção social. A “comunidade” que essa elite procura seria apenas um ambiente à prova de intrusos, uma espécie de “gueto” cujo exemplo cabal seriam os condomínios fechados. Na compreensão de Bauman, portanto, o comunitarismo ocorre mais naturalmente às pessoas que tiveram negado o direito de usufruir dos benefícios do progresso capitalista. Contudo, ele reconhece que até os membros dessa nova elite “por vezes sentem necessidade de fazer parte de alguma coisa” (BAUMAN, 2003, p. 60).

Raquel Paiva (2007) considera que a comunidade ganhou força nessa nova fase do crescimento econômico porque apareceu investida de um poder de resgate da solidariedade humana, solidariedade que, em termos de comunidade, significa uma verdadeira estratégia dos que, por viverem na escassez ou à margem, constroem um saber particular de convivialismo. Segundo essa autora, a associação entre o conceito de comunidade e a convivência harmônica entre os

indivíduos, tem sido uma ideia persistente, muitas vezes configurando-se a comunidade uma proposta a ser implementada. Contudo, ela adverte que o simples “estar junto” não significa necessariamente constituir uma comunidade, uma vez que a experimentação do outro implicaria uma atitude recíproca de interioridade.

Amaral (2000), em relação às experiências de “estar junto”, afirma que nelas o “ideal de comunidade” não está totalmente ausente. A partir da observação de centros holísticos “nova era”, essa autora sugere a hipótese de que tais experiências se distanciam tanto dos marcos do individualismo quanto do comunitarismo, sendo ocasiões em que os indivíduos buscam, à sua maneira, um modo intermediário para enfrentar o paradoxo moderno. De qualquer modo, Amaral defende que o “estar junto” pode desencadear um “estar com”, tornando as interações mais próximas das relações do tipo comunitárias.

Olhando para a realidade das novas comunidades dentro do catolicismo, Sousa (2013) observa que as comunidades de vida no Espírito encaram o “comunitário” como um ideal a ser vivido, primeiro porque julgam que isto está na essência do catolicismo e, em segundo lugar, porque a própria Igreja Católica é vista idealmente como uma “comunidade”. É nessa perspectiva que essas comunidades são tentativas de atualização do ideal comunitário religioso do catolicismo no seio da sociedade contemporânea.

Além disso, Mariz (2005) constata que esse tipo de vida coletiva protege os indivíduos, isolando-os da sociedade mais ampla, reforçando a plausibilidade de seus valores ameaçados pelo mundo exterior. Dessa maneira, a eficiência do apelo dessas comunidades está relacionada, entre outras coisas, à fragilidade das famílias nucleares contemporâneas, que têm perdido sua capacidade de desempenhar bem as funções que se espera delas.

Mariz (2003) parte da hipótese de que a formação de comunidades pode ser uma resposta de grupos religiosos “para as mudanças objetivas na estrutura da família, da mesma forma como pode ser uma resposta aos problemas ontológicos e emocionais decorrentes dessas transformações” (MARIZ, 2003, p. 52). Para Mariz, os membros dessas comunidades as consideram como sua família efetiva, “porque vivem com ela e é por ela que se sentem material e emocionalmente apoiados”.

Aqui, julgamos ser importante situar de forma mais explícita as comunidades

de vida no Espírito em relação à institucionalidade católica. Alguns trabalhos acadêmicos colocam, com procedência, que elas ocupam uma posição híbrida na Igreja Católica: por um lado, reforçam a institucionalidade por meio de um discurso moral e sacramental fortemente marcado pela ortodoxia e pela obediência à hierarquia; por outro, mantêm autonomia em relação à estrutura eclesiástica, funcionando dessa forma como um elemento contestador dessa mesma estrutura (CARRANZA, 2005; MARIZ, 2006; SOUSA, 2013).

Pesquisando a Comunidade Shalom, Júlia Miranda (1999) caracterizou as comunidades de vida como estruturas organizativas sustentadas por rígidas normas de conduta e comportamento, que teriam sufocado a espontaneidade propriamente carismática do movimento de RCC. A autora defende que essas comunidades abandonaram em larga medida o seu teor pentecostal, aproximando-se mais de uma estrutura tradicional, a exemplo das antigas ordens religiosas. Essa visão é contestada por Eliane Oliveira (2004), que prefere acentuar os valores míticos e o conteúdo emocional presentes nelas.

Não podemos deixar de trazer para a reflexão o fato de a Comunidade Shalom ser a primeira das Novas Comunidades brasileiras a ter o reconhecimento pontifício. Evidentemente, isso assinala um pouco de suas estruturas organizativas e com isso, vem sendo modelo para outras novas comunidades pertencentes a RCC no Brasil como modelo a ser seguido, porquê oficializada. O próprio fato de o fundador da comunidade integrar um Conselho Pontifício de Roma, na alta cúpula na Igreja Católica, também reforça esse fato.

As pessoas aderem ao ideal comunitário e por ele fazem renúncias, mas, somente após sentirem em suas vidas os efeitos benéficos de sua adesão. É então que experimentam a vida comunitária associada à autonomia individual. Esse quadro é o que, a nosso ver, predominantemente caracteriza o fenômeno comunitário contemporâneo, especialmente aquele de caráter religioso.

Pude constatar entre os jovens do Shalom e indicar mais uma característica importante que, de certa maneira, está condicionada a esta sobre o senso de comunidade: as comunidades contemporâneas são relativamente desterritorializadas.

3. Comunidade e indivíduos: desterritorialização e novas relações sociais

Este me parece um aspecto importante que surge ao pesquisar estes jovens da comunidade Shalom. Do grupo pesquisado quase todos vinham de regiões muito distintas da cidade do Rio de Janeiro. Isto é, sua adesão a uma proposta religiosa não estava relacionada a estar perto de casa, mas a identificação com a proposta ofertada. Portanto, com os acessos, sobretudo, às redes sociais, esses jovens me sugerem que o conceito de comunidade esteja atrelado ao conceito de territorialidade.

No que diz respeito à territorialidade, é necessário compreendê-la dentro do horizonte dessas inovações tecnológicas e abrir mão do pressuposto de que o principal elemento de uma comunidade seja o seu território³. Consoante Paiva (2007), ao se conceber a possibilidade de comunidade nos dias atuais, deve-se, necessariamente, reformular a noção de territorialidade, uma vez que, o encurtamento das distâncias e a grande rapidez e eficiência na transmissão da informação.

Portanto, não é mais possível manter o conceito sociológico de comunidade exclusivamente associado a um grupo social pequeno e localizado, tal como o concebia Tönnies (1973). Temos que lançar mão de uma noção que considere menos a territorialidade na relação entre os indivíduos. Os dispositivos informacionais transformaram os pré-requisitos de contiguidade e distância, fazendo com que as relações humanas prescindam menos do espaço físico, territorial (PAIVA, 2007).

Porém, não se deve desconsiderar a importância do elemento territorial no contexto das relações comunitárias. Obviamente, as comunidades contemporâneas não estão completamente emancipadas do espaço geográfico. Por isso elas são apenas relativamente desterritorializadas. Concordamos com Paiva (2007) quando afirma que o homem tem uma identificação afetiva com o espaço e que as relações presenciais serão sempre humanamente mais ricas do que aquelas mediadas pela tecnologia.

3 Em um outro trabalho, eu aprofundi a relação existente entre construção das identidades juvenis com a presença das redes sociais a partir do fenômeno da desterritorialização provocada por estas incursões. Aprofundar em Cardozo (2013).

Contudo, nos dias atuais, o território não é um elemento essencial e nem suficiente para a formação de comunidades. Conforme já demonstramos, o sentimento de pertença pode ser gerado e mantido por outras vias, como por exemplo, tecnológica, sobretudo pensando no público juvenil. A perda do território como principal referência comunitária decorre da nova ordem social definida por Castells (1999) como “informacional”. Uma vez que as redes são a nova morfologia da sociedade, a informação tende a substituir o território e as relações comunitárias devem ser compreendidas a partir do poder de alcance dessas informações.

Com minha inserção no campo acompanhando as diversas atividades desses jovens na comunidade Shalom, é possível que relações próximas do tipo “comunitário” sejam estabelecidas através das redes de informação. Estes jovens pesquisados, para além dos encontros presenciais, mantêm uma relação por diversos outros meios como grupos no *Facebook*, grupos no *Whatsapp*. São nesses espaços que outras teias de significados e relações vão se entrelaçando.

Em sentido sociológico, o termo “comunidade” está ligado à ideia de indivíduos unidos por valores e sentimento de pertença, geralmente apoiado em interesses comuns. O próprio Weber (1998) definiu a comunidade a partir do agir social baseado em um sentimento comum de pertencimento. Ora, esses princípios estão presentes nas relações entre os jovens da comunidade Shalom, embora essas relações sejam mediadas por tecnologias da informação. Os jovens, ainda que fisicamente dispersos em suas outras rotinas, estão unidos por valores comuns fundados na experiência religiosa e compartilhados através desses canais tecnológicos. Na comunidade Shalom, o sentimento de pertença não é herdado, mas adquirido através do percurso de conhecimento e identificação que o indivíduo religioso desenvolve em relação à comunidade através da exteriorização de símbolos e práticas. Essa exteriorização não só fisicamente, mas também em seus perfis das redes sociais. Miguel, de 32 anos, um dos jovens pesquisados, mantém um perfil no *Facebook* onde frequentemente posta mensagens bíblicas ou imagens para transmissão da mensagem de fé. Com isso ele acredita também estar evangelizando⁴.

4 A própria instituição “comunidade Shalom” está com uma campanha no *Facebook*: 50 mil #conectadosparaevangelizar incentivando os jovens a curtir a *fanpage* da Comunidade como forma de evangelização.

O vínculo que une esses jovens da comunidade Shalom não se fundamenta no parentesco, no território comum, na faixa etária, ou classe ou etnia. O ponto de convergência é a experiência religiosa e a identificação com o *ethos* interno da comunidade. A partir desse *ethos* geram-se inclusive hábitos comuns, como, por exemplo, gestos devocionais que conjugam tradição e modernidade. Os limites da comunidade Shalom devem ser entendidos como limites qualitativos e simbólicos, muito embora haja alguns espaços físicos referenciados. Tais limites são obviamente mais fluidos e difíceis de serem determinados, exprimindo uma nova maneira de se posicionar no seio de uma sociedade que se desterritorializa⁵.

Consonante com Berger & Luckmann (2000), para diferentes formas de comunidades podem ser esperadas medidas diferentes ou típicas de coesão. Na comunidade Shalom, a coesão depende, especialmente, da manutenção do espírito de adesão dos indivíduos ao grupo e à sua missão. Para isso, é preciso manter as motivações de pertença que, no caso da comunidade Shalom, se manifestam principalmente através da exteriorização que manifesta elementos de adesão, seja presentificados fisicamente ou não.

Assim, os vínculos existentes entre os jovens são, em certa medida, “virtuais”⁶, no sentido de que estão na estrita dependência das redes sociais de informação que, no referido contexto, é indispensável à transmissão das mensagens que engendram as relações comunitárias. A geração, o processamento e a transmissão rápida de informações é a fonte fundamental de produção de poderes mediante os quais a comunidade influencia a vida dos membros. A força de coesão da comunidade Shalom reside na persuasão ou, mais precisamente, na sedução exercida sobre seus adeptos através, sobretudo, da rede comunicacional⁷.

O site oficial da comunidade Shalom se mantém diariamente atualizado e serve como uma referência importante entre os participantes. É neste espaço que eles socializam experiência e se fazem notar. Interessante observar a linguagem

5 Ver em www.comshalom.org, Último acesso em 06 de março de 2014.

6 Utilizo essa palavra entre aspas, pois hoje a clássica distinção entre ‘virtualidade’ e ‘realidade’ não se sustenta como dois universos paralelos, mas coexistentes e atuantes na esfera social.

7 Além do site a comunidade Shalom, mantém Editoras, livrarias, uma escola, rádios, companhias de artes e da dança, cantores, gravadoras de CDS e DVDs e centro de Artes.

jovem e o design arrojado atrelado a uma linguagem de programação que permite interações com as redes sociais. Isso é um atrativo a mais para os jovens de hoje.

Em acordo com a lógica da sociedade em rede (CASTELLS, 1999), essa “rede” denominada ‘comunidade Shalom’ tem demonstrado que é sempre possível ampliar o número de indivíduos dispostos a abraçar sua ideologia e sua causa, e transformá-los em verdadeiros “nós” de transmissão, manutenção e expansão da comunidade, capazes de compreender e aceitar os códigos de comunicação por ela utilizados. O eventual desligamento de alguns desses “nós”⁸ não ameaça o equilíbrio da rede, pois a qualquer momento eles podem ser recuperados ou superados pelas novas adesões.

Esse fato pode ser considerado mais uma evidência de que, conforme adverte Castells (1999, v. 3), as sociedades da “Era da Informação” são todas elas, em maior ou menor intensidade, penetradas pela lógica do informacionalismo e aos poucos estão sendo superadas as formas sociais preexistentes. Chegou-se a uma etapa na qual as pessoas e instituições se transformaram em “nós” comunicativos coligados uns aos outros, não sendo possível, sob essa perspectiva, agir socialmente senão aderindo à essa lógica, especialmente com uma proposta voltado para a juventude.

Esta adesão e pertença a comunidade Shalom se delineia e se configura nas formas de compreensão da juventude por parte desses jovens. Interessante observar que todo este contexto analisado aqui circunscreve formas de socialização no sentido weberiano e engendram a constituição de novos elementos para a constituição das identidades dos sujeitos envolvidos, além de demarcarem uma fronteira na compreensão de como “crer” e “ser” jovem no mundo de hoje.

Considerações Finais

Estudando o tema da pertença religiosa emerge na discussão, e nas entrevistas, a questão do trânsito religioso e o tema da conversão religiosa. Evidentemente, são temas que conjugados as vivências dos próprios jovens provocam dilemas que abrem a possibilidade de pensar para além do campo religioso: a própria

8 Ao longo de 2 anos (2012-2013) que estive acompanhando os jovens e o grupo na comunidade Shalom, vi três jovens se desligarem do grupo.

pertença no campo social mais amplo desses jovens. Então é possível compreender que estas fronteiras não são fixas ou definitivas, mas fronteiras móveis e em alguns momentos invisíveis. Estas fronteiras com o campo social mais amplo da vida desses jovens impõe uma ressignificação na própria pertença religiosa, ressignificando-as.

Essas pertenças religiosas ressignificadas impõem às religiões a orquestração de um repertório de estratégias para atingir um grande número de fiéis. Para os jovens pesquisados pertencer, “crer [e] ser” são elementos que não estão desconexos na existência plural própria da condição juvenil.

O que procurei mostrar ao longo desse artigo foram as dinâmicas dos jovens no que se refere ao seu vínculo com a religião, via comunidade Shalom e como este vínculo influencia a sua vida social. Assim, cabe destacar os elementos identitários desses jovens percebendo-os na dinâmica maior do fenômeno juvenil.

Os jovens que participam dessa proposta mantém sua vida social, vão à escola, tem relacionamentos afetivos amorosos fora do grupo, frequentam outros espaços de socialização juvenil. Por isso, o campo suscita as perguntas: como e em que medida as orientações e prescrições religiosas afetam a maneira como esses jovens se relacionam com outros sujeitos jovens? Como esses outros vínculos incidem na maneira como o jovem vive sua religião? Quais elementos desses espaços são escolhidos pelos jovens para a construção da sua identidade? E por quê? Quais aspectos são deixados de fora?

Esse grupo, dentro dessa nova comunidade, novamente nos oferece farto material empírico para análise, através do acompanhamento de suas atividades, isto é, das práticas que urdem o universo comunitário dos jovens na vivência da sua prática religiosa, e também dos eventos mais significativos que reúnem os católicos, especialmente de juventude, os eventos especificamente com objetivo de alcançar este segmento etário.

Recebido em maio de 2014.
Aprovado em dezembro de 2014.

Referências

AMARAL, Leila. **Carnaval da alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era**. Petrópolis: Vozes, 2000.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BERGER, P.L. & LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis, Vozes, 2000.

BERGER, Peter. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulinas, 1985.

BINGEMER, Maria Clara. **O mistério e o mundo: paixão por Deus em tempo de descrença**. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

CARDOZO, Carlos Eduardo da S. M. Ó pátria amada, salve, salve: reflexões sobre nação, identidade nacional e juventude brasileira. In. **Revista Eletrônica Discente História.Com**. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Ano I, n.1. 2013. Disponível em file:///C:/Users/Carlos%20Eduardo/Downloads/2-12-1-PB%20(1).pdf

CARRANZA, B. Lógicas e desafios do contexto religioso contemporâneo. **Revista Eclesiástica Brasileira**, vol. LXV, n.º 257, 2005. pg. 46-63.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

HERVIEU-LÉGER. Danièle. **O peregrino e o convertido: a religião em movimento**. Petrópolis, Vozes, 2008.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

MARIZ, Cecília. A sociologia da religião de Max Weber In: TEIXEIRA, Faustino. **Sociologia da religião: enfoques teóricos**. Petrópolis: Vozes, 2003.

_____. Catolicismo no Brasil contemporâneo: reavivamento e diversidade. In Faustino Teixeira e Renata Menezes (orgs.). **As religiões no Brasil. Continuidades e rupturas**. Petrópolis, Vozes, 2006.

_____. Comunidades de vida no Espírito Santo: juventude e religião. In. **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP, v. 17, n. 2. 2005.

MIRANDA, Júlia. **Carisma, Sociedade e política: novas linguagens do religioso e do político**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

_____. Convivendo com o “diferente”: juventude carismática e tolerância religiosa. In, **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 30(1): 117-142, 2010.

OLIVEIRA, Eliane. “O mergulho no Espírito Santo”: interfaces entre o catolicismo carismático e a Nova Era (o caso da Comunidade de Vida no Espírito Santo Canção Nova). In. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 85-112, 2004.

PAIVA, Raquel. (org). **O retorno da comunidade: os novos caminhos do social**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

SOUSA, Ronaldo José. **Comunidades de Vida: panorama de um fenômeno religioso moderno**. Aparecida: Santuário, 2013.

TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. In: TEIXEIRA, Faustino e MENEZES, Renata (orgs.) **Catolicismo plural: dinâmicas contemporâneas**. Petrópolis: Vozes, 2009.

WEBER. Max. **Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília: UnB, 2004.